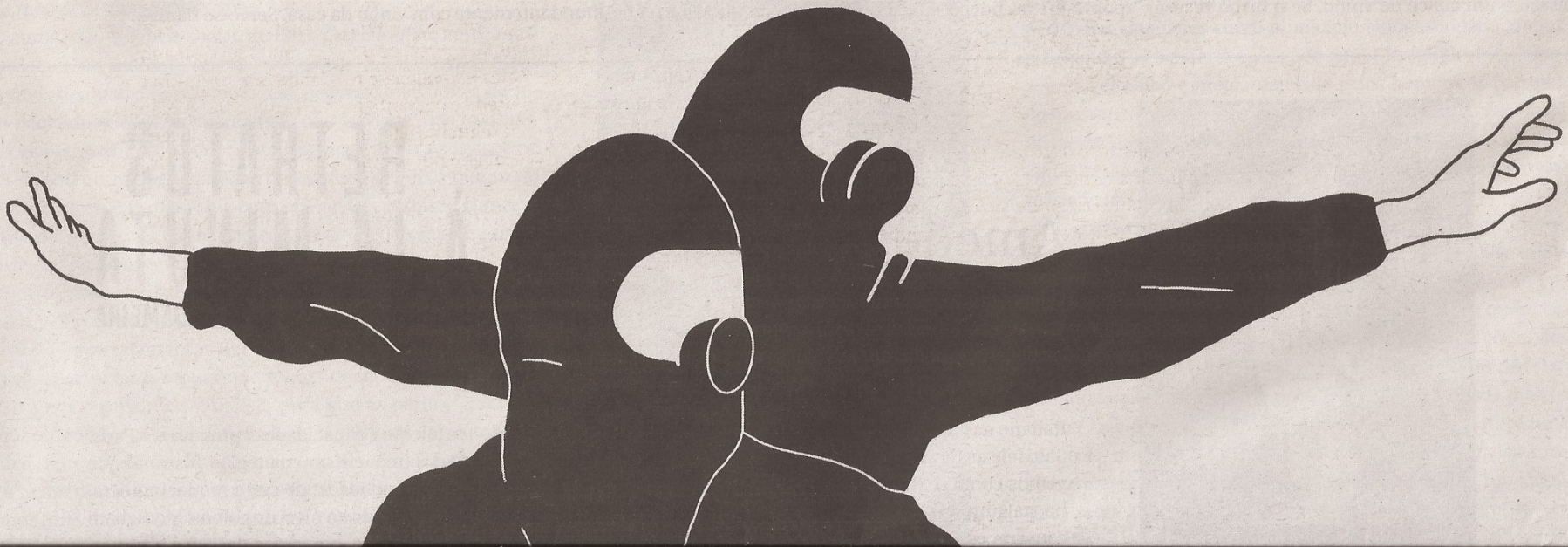


A BATALHA

VI Série – Ano XLIX – n.º 296 | Director: António da Cruz | Preço: 1,5 euro | Set / Dez 2022

Jornal de Expressão Anarquista



**Ilha dos Gatos
Tokushige Kawakatsu
Sendai // 2022**

Os japoneses também têm nostalgia da sua contra-cultura.
[Ronin Lenin]

João Pedro George: Crítico e Sacristão

João Pedro George reuniu agora num único volume as suas mais recentes notas críticas, algumas publicadas antes na imprensa de grande público como a revista *Sábado* e o jornal digital *Observador*. O livro tem um título engraçado e coloquial, *Chatear o Camões*, um subtítulo que deixa algumas dúvidas, “Inquérito à Vida Cultural Portuguesa”, foi editado por uma chancela que apresenta uma linha gráfica distinta e original, Maldoror, que tem dado títulos raros e valiosos, e conta com ilustrações de Miss Inês, algumas magníficas de precisão e de humor, como a da página 5, outras só banais. Diga-se de passagem que o nome artístico da ilustradora é do melhor que temos visto.

Não é a primeira vez que João Pedro George reúne notas críticas suas em livro. Isso aconteceu logo em 2006 com o livro *Não é Fácil Dizer Bem*, esse com um subtítulo apeteçível, “Críticas, Obsessões e Outras Ficções”. Entre as notas desse ano e as agora reunidas e publicadas existe uma óbvia conexão de continuidade. O estilo – reconhecível – é ainda o mesmo. Uma diferença abissal separa porém as duas recolhas: a primeira tem umas meras 250 páginas, algumas delas ficção, enquanto o livro ora editado apresenta umas monumentais 640 páginas, todas de pura e dura crítica literária e cultural. Pode pois acontecer que a pretensão do subtítulo do livro seja mesmo para levar a sério.

Diga-se desde já que a crítica de João Pedro George é de molde a entusiasmar. Ele está longe de ser aquele crítico vulgar que vem para os jornais debitar umas banalidades sobre livros e autores, seja para ver o seu nome impresso em letra redonda, seja para acrescentar uns cobres ao rendimento mensal. Desde há 20 anos a sua crítica é tudo menos corrente. Ele não tem cultos – nem os fabrica. Ao invés, o que lhe interessa é deitar abaixo ídolos, mesmo que se chamem António Lobo Antunes, Vasco Pulido Valente, Agustina Bessa-Luís, António Mega Ferreira, Eduardo

A crítica de João Pedro George tem porém duas pequenas questões e uma grande dúvida. As duas pequenas questões são irrelevantes, ou quase, mas mesmo assim merecem ser ditas. Embora reconhecível, ou por isso mesmo, o estilo do autor de *Chatear o Camões* lembra demasiado o de Luiz Pacheco. Há mesmo momentos em que estamos a ler George e parece que passamos a ler Pacheco. Já me aconteceu confundir os dois, sem saber qual deles estou a ler. Das estratégias de impugnação ao vocabulário tudo é igual.

Não creio todavia que isso chegue a ser um problema. Muito mais novo do que Pacheco, George interessou-se pela sua figura, entrevistou-o, biografou-o, editou-lhe livros e tomou a sua crítica literária e cultural como exemplar. Naturalmente seguiu as suas pisadas e continuou o seu caminho, sem cuidar em arranjar um modo seu. Sendo o modelo quem é, aceita-se e até se louva a escolha. Isto não impede que fosse preferível um caminho mais autónomo e menos colado ao protótipo. A melhor forma de aprofundar e alargar um legado alheio não é confundir-se com ele, repetir-lhe os passos e o estilo, mas abrir com alguns dos seus instrumentos uma trincheira nova e inconfundível.

Isso fez Pacheco fazer em relação a António Sérgio, seu modelo crítico. Embora tenha bebido muita da sua inspiração no autor de *Ensaio*, embora tenha até desviado a seu favor títulos sergianos, como aconteceu com esse «O caprichismo interventor do senhor Mário Cesariny», um texto de imprensa de 1966 e recolhido depois em *Pacheco versus Cesariny* (1974), nunca em momento algum a crítica de identificação de Pacheco se confunde com a crítica pedagógica de Sérgio. São inconfundíveis. Ler um não é passar a ler o outro. Cada um tem um vocabulário seu, uma linha reconhecível de desenvolvimento do texto, uma lógica e um estilo próprios, dando assim lugar a duas frentes distintas, se bem que complementares, de combate crítico.

A segunda pequena questão, não constituindo também um problema, é um pouco mais delicada. Nem sempre George sabe escolher os seus alvos. Este problema é nele já antigo. No mesmo ano em que dava a lume *Não é Fácil Dizer Bem*, publicava ele outro livro, *Couves e Alforrecas. Os segredos da escrita de Margarida Rebelo Pinto*, todo dedicado a impugnar a escrita desta escritora. Dedicar um livro inteiro a analisar dum ponto de vista iconoclasta os romances de Margarida Rebelo Pinto é uma perda de tempo e um deslize que um franco-ati-

Quando se diverte com eles, deixa de lado o que mais importa, focando a nossa atenção em coisas menoríssimas.

O mesmo acontece com as muitas páginas que consagra a João Paulo Cotrim como editor em que o grande e único defeito que lhe encontra é receber apoios ou fazer parcerias para a edição dos livros da sua chancela. Pergunta-se: é preciso gastar tanto papel para descobrir um tal facto, que ainda por cima consta da ficha técnica, das contracapas dos livros e até de plataformas digitais? Uma gritaria assim faz uma vez mais figura de falsa valentia. É um entretém pueril e dispensável.

Também o texto consagrado à Antígona e a Luís de Oliveira não passa de bravata vistosa. Não é com facilidades daquelas – um embrulho judicial em torno dos direitos autorais do conhecido romance de George Orwell, *1984* – que se faz o estudo e o retrato de um editor como Luís de Oliveira. Pretender o contrário, forçar a nota, generalizar como George faz no texto que lhe dedica, concluindo que Oliveira «é um escrupuloso defensor da concorrência implacável, da fórmula autoritária e do statu quo» e que a Antígona «nunca questionou o sistema, esteve sempre instalada nele», é atirar muita poeira aos nossos olhos. Gostasse ou não da Antígona, simpatize-se ou antipatize-se com o editor dela, ninguém em consciência pode aceitar tal disparate. Pergunta-se: uma fanfarronada assim boçal para enganar quem e nos desviar de quê?

Felizmente que George sabe compensar estes equívocos, que por vezes são fraudes, involuntárias queremos crer, como no caso da Antígona, e sempre, mas sempre, perdas inúteis de tempo e de papel. Neste novo livro os seus textos sobre António Lobo Antunes, Vasco Pulido Valente, Miguel Sousa Tavares, José Tolentino Mendonça, António Guerreiro, Eduardo Lourenço (porventura o texto mais consistente do livro) põem a nu as partes falsas e estaladiças da obra de gente muito badalada e nada escrutinada. São textos corajosos, que dizem aquilo que precisa ser dito e todos calam – por conveniência, por desinteresse, por ignorância. Também os seus textos sobre Rita Rato, José Rodrigues dos Santos e João Miguel Tavares tocam questões incómodas e silenciadas que necessitam de ser denunciadas.

Finalmente, a terceira questão, que essa é um verdadeiro berbigacho. Antes da biografia que publicou sobre Luiz Pacheco, *Putá que os Pariu. A biografia de Luiz Pacheco*

xão de continuidade. O estilo – reconhecível – é ainda o mesmo. Uma diferença abissal separa porém as duas recolhas: a primeira tem umas meras 250 páginas, algumas delas ficção, enquanto o livro ora editado apresenta umas monumentais 640 páginas, todas de pura e dura crítica literária e cultural. Pode pois acontecer que a pretensão do subtítulo do livro seja mesmo para levar a sério.

Diga-se desde já que a crítica de João Pedro George é de molde a entusiasmar. Ele está longe de ser aquele crítico vulgar que vem para os jornais debitar umas banalidades sobre livros e autores, seja para ver o seu nome impresso em letra redonda, seja para acrescentar uns cobres ao rendimento mensal. Desde há 20 anos a sua crítica é tudo menos corrente. Ele não tem cultos – nem os fabrica. Ao invés, o que lhe interessa é deitar abaixo ídolos, mesmo que se chamem António Lobo Antunes, Vasco Pulido Valente, Agustina Bessa-Luís, António Mega Ferreira, Eduardo Prado Coelho, Manuel Alegre, António Alçada Baptista, José Eduardo Agualusa, Rui Nunes, Inês Pedrosa, Maria Filomena Mónica. Uma crítica que não hesita em desmontar as fragilidades de tantas figuras consensuais – alguns são mesmo monstros sagrados, totens intocáveis da vida cultural e literária portuguesa – merece por inteiro aplauso. É uma crítica corajosa e necessária.

João Pedro George vai mesmo mais longe. Não lhe basta apontar as debilidades de escritores em quem ninguém se atreve a tocar nem com uma flor. Ele pretende destruir a própria seriedade da literatura enquanto tal. Daí esse livro *Mamas e Badanas. Duas análises profundamente complexas da literatura portuguesa* (2018), que é para ser lido em complemento dos seus exercícios críticos sobre obras, autores e estilos. De facto uma literatura que se leva demasiado a sério, como se dela dependesse a resolução de todos os graves problemas que atingem o planeta, como parece suceder com a literatura portuguesa, em que qualquer escriba se vê a si mesmo como um super-herói planetário, bem merece que lhe digam que o seu grande e inexcusável tema é a forma como trata e representa as «mamas» e o seu melhor e único espelho os linguadros que surgem nas «orelhas» dos seus livros, qual deles o mais ridículo e encomiasticamente falso.

de 1966 e recolhido depois em *Pacheco versus Cesariny* (1974), nunca em momento algum a crítica de identificação de Pacheco se confunde com a crítica pedagógica de Sérgio. São inconfundíveis. Ler um não é passar a ler o outro. Cada um tem um vocabulário seu, uma linha reconhecível de desenvolvimento do texto, uma lógica e um estilo próprios, dando assim lugar a duas frentes distintas, se bem que complementares, de combate crítico.

A segunda pequena questão, não constituindo também um problema, é um pouco mais delicada. Nem sempre George sabe escolher os seus alvos. Este problema é nele já antigo. No mesmo ano em que dava a lume *Não é Fácil Dizer Bem*, publicava ele outro livro, *Couves e Alforrecas. Os segredos da escrita de Margarida Rebelo Pinto*, todo dedicado a impugnar a escrita desta escritora. Dedicar um livro inteiro a analisar dum ponto de vista iconoclasta os romances de Margarida Rebelo Pinto é uma perda de tempo e um deslize que um franco-atirador não pode cometer. A escrita de Margarida Rebelo Pinto é já por si frágil. Não é necessário qualquer esforço crítico para a abanar. Toda aquela bravura de se apresentar em 2006 no palco da crítica a descascar com voz grossa os romances e as crónicas da autora de *Sei Lá* é jactância, não é valentia. Bater nos fracos é sinal de fraqueza.

O mesmo se diz agora para algumas notas inseridas no seu novo livro. Veja-se por exemplo o caso de Matilde Campilho, a quem dedica dois textos, o segundo deles, uma cerrada leitura dos livros desta fotogénica escritora luso-carioca, com um título que dói ver assim desperdiçado: «A poética de Matilde Campilho». Pergunta-se: para quê tanta vozearia com um produto poético tão banal e descartável?

Outras vezes a crítica de George mostra-se perdulária não na escolha das figuras, que se tornam representativas, mas nos motivos que lhes aponta, que se tornam irrelevantes. Veja-se o caso de Alberto Manguel. George dedica-lhe dezenas de páginas, para lhe apontar como principal pecado capital a repetição de si mesmo. Acusar um escritor de se repetir a si – não a outros – é mais uma facilidade que não cabe num franco-atirador com ética. Menos ainda vai encher páginas e páginas para o provar. É trabalho desnecessário e despropositado. Um crítico de gabarito não se ocupa de pecadinhos.

Felizmente que George sabe compensar estes equívocos, que por vezes são fraudes, involuntárias queremos crer, como no caso da Antígona, e sempre, mas sempre, perdas inúteis de tempo e de papel. Neste novo livro os seus textos sobre António Lobo Antunes, Vasco Pulido Valente, Miguel Sousa Tavares, José Tolentino Mendonça, António Guerreiro, Eduardo Lourenço (porventura o texto mais consistente do livro) põem a nu as partes falsas e estaladiças da obra de gente muito badalada e nada escrutinada. São textos corajosos, que dizem aquilo que precisa ser dito e todos calam – por conveniência, por desinteresse, por ignorância. Também os seus textos sobre Rita Rato, José Rodrigues dos Santos e João Miguel Tavares tocam questões incómodas e silenciadas que necessitam de ser denunciadas.

Finalmente, a terceira questão, que essa é um verdadeiro berbigacho. Antes da biografia que publicou sobre Luiz Pacheco, *Putá que os Pariu. A biografia de Luiz Pacheco* (2011), George publicou uma outra (assim diz na lista das suas obras) chamada *Vocês Sabem do que Eu Estou a Falar. Biografia de Octávio Machado* (2008). Quem é Octávio Machado? Um treinador de futebol e um director desportivo, que integrou a equipa de Jorge Jesus na passagem deste pelo Sporting. Estranho, é o mínimo que se pode dizer.

Logo depois da biografia consagrada a Pacheco, George publicou sob o nome de Pedro Avelar uma *História de Goa. De Afonso de Albuquerque a Vassalo e Silva* (2012). Sendo o autor quem é, e embora publique aqui sob outro nome, desconfiamos que se pudesse tratar duma desbunda bem humorada sobre o tema. Fomos ver. Trata-se de livro seriíssimo – na linha dos mais descarnados cronicões de antanho. Estranho, é o mínimo que se pode continuar a dizer.

Três anos depois a bibliografia de George apresenta o seguinte título: *Marquesa de Paiva. O destino extraordinário de uma aventureira de amor*. Foi neste livro, ou por causa dele, que ficámos a saber que João Pedro da Silva Marques de Avelar George, que assina João Pedro George, mas também Pedro Avelar, é sobrinho-neto do primeiro visconde de Avelar e do primeiro conde de Avelar, títulos nobiliárquicos criados pelo senhor rei D. Carlos, e faz questão de o dizer. Muito estranho, é o mínimo que se pode continuar a exclamar.

Por fim, George publicou *Mota Pinto. A biografia* (2016). Pelo sim, pelo não, ainda tivemos esperança de que aqui a caçoada fosse o padrão do livro. É verdade que uma história a brincar da Índia portuguesa, no género daquela que os dadaístas escreveram sobre o tempo deles, daria um livro raro e sem preço. Como quer que seja, a biografia duma figura como Mota Pinto dava ainda uma muito apreciável festa. Quando o livro nos veio às mãos tivemos uma das maiores desilusões da vida. Trata-se da biografia mais aborrecida e careta que é possível sonhar para o hiper-ministro do Bloco Central.

Diga-se desde já que não vem qualquer mal ao mundo que se escreva uma biografia séria dum primeiro-ministro – como de resto, duma qualquer marquesa ou dum qualquer treinador de futebol. Também não é crime que George faça questão de se dizer sobrinho-neto de visconde e de conde. Embora o mundo fosse com certeza melhor se não houvesse viscondes, condes, ministros da defesa, ministros do comércio e do turismo, primeiros-ministros, comendadores, cavaleiros, grandes-oficiais, chanceleres, ordens de instrução, ordens militares, ordens reais, ordens de mérito, ordens e condecorações honoríficas, tudo isso existe.

Bom é porém que se demarquem os territórios. Quem está danado por «chatear o Camões», quem afirma em grossa voz que «não é fácil dizer bem», não pode depois fazer aplicada e escolarmente a biografia de Mota Pinto como se não fosse nada com ele. Poder até pode – e George prova-o que sim. Corre é o risco de ninguém levar a sério a sua crítica destemida, que se desclassifica assim numa pequena e epigonal habilidade de sacristia para captar atenções e ganhar espaço.

É essa a grande diferença entre ele e Luiz Pacheco. O vocabulário e as estratégias podem até ser iguais nos dois, mas a crítica de Pacheco, alicerçada na sua vida, era a sério. Castigava e doía. A sua actividade crítica era um ofício de garbado, vivido com verdade e com perigo – e a verdade é sempre perigosa. A de George desqualifica-se pela irresponsabilidade, pelo mercenarismo, pela jactância, pela boçalidade, pela aldrabice. É um artefacto inofensivo, um truque já visto e batido, que faz umas cócegas e dá muita vontade de rir.

[A. Cândido Franco]

Manferior + Bait Vortex // 30/09/22

Pá, Setembro é mesmo o mês da rentrée, além de voltar todo o lixo das artes contemporâneas há novos livros horríveis e o catano. Nem tudo pode ser mau mesmo quando os punks de Barcelona Bait trazem na bagagem um EP 7” intitulado *Another End of The World is Possible...* Abriu o espaço Vortex para dar vazão aos limites físicos da cave do Disgraça e sobretudo fazer pissada à oferta gentrificada da capital. Parece um bar de Madrid dos finais dos anos 90 – ainda limpo sem grafitos por todo o lado! –, o que é melhor do que tanta outra coisa, só para começar. Espaço associativo que respeita o ruído e a vizinhança sabendo-se desde já que por estas bandas vai haver sempre barulheira punk-crust-hardcore e as suas variações, como se pode confirmar logo com os Manferior de Leiria, que estrearam o palco. Com o seu powerviolence pensei logo «raios não trouxe os tampões», mas o som nesta subcave estava óptimo, não agredia estupidamente e conseguia-se perceber todos os instrumentos, parabéns aos técnicos de som! Bait era mais Punk/Hardcore sem vergonha na cara e fiquei a pensar, porque andei a ouvir música improvisada nos últimos tempos: quando isto é caos também mas muito mais divertido! Matiné barra principio de noite punk, foi um clássico lisboeta, das poucas ou única coisa realmente boa que a cidade sempre teve, desde a Jukebox nos anos 90 à Casa de Lafões antes da invasão das tunas, tango e turistas. Que o título da k7 dos Manferior, *Birth as punishment*, não seja profético para o espaço, antes pelo contrário!

[MF]

Non Serviam² Rodolfo Mariano Bedeteca de Beja // 2022

É capaz de ser a melhor história que saiu do metaverso de Mariano. A capa invoca o Alentejo, o começo talvez seja a nojeira que é Coimbra mas a «acção» poderá ser em Zurique ou num tasco lisboeta, onde o proletariado do Império da

Vai fazer 30 anos que
para o mundo, um
a BD de Leste. Hino
rio, uma vez que ha
editoriais nos anua
litam a procura de
duas entrevistas an
Stories (MMNNN
são mais do que be
dar ao trabalho de
é mais do que mem
que são pouco prou
indústrias «bedeteca
Hofbauer, ainda hu
ção porque são des
obra, a publicar em
[MF]

O Velho Animal é o
ta, pintor e fraude.
tudo verdade. quem
calhar merecido, con
entrou o poeta a die
e o folque, numa bu
que tudo tocou, anu
audição aniquila o
tidamente o lobo ve
grande fim de tarde
tando perceber qual
referência. Ouve-se
para jogar com as hu
simpático desnoite.
[MF]



A BATALHA

ANTIGO ÓRGÃO DA CGT
Fundado em 23 de Fevereiro de 1919

Redacção: André Pereira, António da Cruz,
Marcos Farrajota, Oriano e Russo

Colaboradores: A. Cândido Franco, A. DaSilva O., A.M.,
André Lemos, André Pereira, Ângela Cardinhos, Bill, Carlos
Gaspar, El Lynx, Emanuel Carneira, Filipe Q., Francisco
Coutinho, Hakim Bey (Peter Lamborn Wilson), João Carola,
M. Araújo, M. Ricardo de Sousa, Matilde Feitor, MM, P.,
Ronin Lenin, Tomás Ibáñez, Tristão da Zara, Walt Thisney

Capista: Michael Fikaris

Composição gráfica: Joana Pires

Proprietário, editor e compositor:

Centro de Estudos Libertários

Sede do editor, redacção e administração:

Az. da Alagueza, Lote X, c/v – Esq. 1800 – 005 Lisboa

Impressor: Funchalense – Empresa Gráfica S.A.

Contacto: jornalabatalha@gmail.com

ISSN: 0873-7223 | NIPC: 501805214

Periodicidade Bimestral: Setembro – Dezembro 2022

N.º Depósito Legal: 291643/09 | N.º ERC: 104981

Tiragem: 1800 exemplares

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Portugal: 6 nos: 13,50€ / 12 nos: 25,50€

Europa: 6 nos: 24,00€ / 12 nos: 46,50€

Extra-Europa: 6 nos: 25,50€ / 12 nos: 49,50€

O pagamento pode ser efectuado para o NIB do CEL:

0033 0000 0001 0595 5845 9

EU COPIO, LOGO EXISTO

WALT THISNEY



Em 1947, o artista e negociante de arte holandês Han van Meegeren (1889-1947) foi preso por colaborar com o regime nazi, acusado de ter vendido uma pintura de Johannes Vermeer (1632-75) intitulada 'Cristo e a Adúltera' ao marechal do Reich, Hermann Goering. Esta pintura foi desde sempre considerada um tesouro nacional, sendo de todo impossível comercializar a dita obra, mas tal não impediu Van Meegeren de o fazer. Van Meegeren admitiu ter vendido a pintura a Goering, mas defendeu-se revelando que a pintura era uma falsificação que ele mesmo tinha pintado e por certo não seria um crime enganar os nazis, argumentou. As autoridades estavam relutantes em acreditar que van Meegeren

fosse talentoso o suficiente para produzir um trabalho de tal qualidade, tendo acabado por provar que tinha sido ele a pintar ao produzir uma nova obra enquanto estava preso provisoriamente.

Entretanto as autoridades descobriram que o artista tinha acumulado uma fortuna durante anos a vender falsificações de vários pintores conhecidos, sendo a sua falsificação mais lucrativa a *Ceia em Emaús de Vermeer*, que foi vendida em 1936 por 520.000 florins.

A razão principal pela qual o artista se tinha dedicado às falsificações era não só por ser muito lucrativo, mas também pela sua amargura por não ver reconhecido o seu talento com as suas pinturas originais e odiar arte moderna. Acabou condenado à prisão por falsificação, mas morreu de um ataque cardíaco antes de cumprir a sua pena.

Centro Anarquista Internacional de Artes Modestas

Por Marcos Farrajota

Deviam haver mais
autobiografias de
"Rockers", como esta:

Vendadeiro "fura-vidas"
Mário já foi tudo:
Surfista, "dealer", DJ,

O livro é tão caótico
como a sua vida...
Há gajos assim, cheios

embryo 2012